

## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

---

### **HOMILIA**

Ref. HML\_18/2016

Homilia na peregrinação  
ao Santuário de N. Sra. do Alívio

Vila Verde, Alívio, 18.Set.2016, 11h

### ***Maria, itinerário para a contemplação***

Já é meu costume nas peregrinações arceprestais fazer referência ao Programa da Arquidiocese, sugerindo um exame de consciência sobre o caminho percorrido e apontando metas para o futuro. Também aqui, diante da Senhora do Alívio, pergunto quais os resultados dos últimos quatro anos dedicados à redescoberta da identidade cristã. Este itinerário levou-nos a discernir novos caminhos para uma fé centrada na pessoa: uma fé professada em todos os lugares, celebrada com alegria, vivida na atenção ao mundo que nos circunda e, por fim, anunciada na responsabilidade e fidelidade de sermos discípulos missionários.

Antes de falar do Programa deste novo ano, permiti que recorde que continuamos, até fins de Novembro, a viver o Ano da Misericórdia. Também aqui não nos podemos eximir – sacerdotes e leigos – de um sério exame de consciência. Teremos interiorizado o verdadeiro espírito da misericórdia? A misericórdia não é sentimentalismo nem um simples código de conduta. Infelizmente corremos o risco de pensar que as obras de misericórdia são um simples código de bons modos que vamos colocando em prática quando nos convém. Na verdade, a misericórdia de Deus actua no nosso ser e agir. Trata-se de um novo modo de ser que substitui a indiferença e o egoísmo e que nos coloca em permanente alerta para agirmos como expressão do amor de Cristo.

Vivemos numa sociedade onde tudo é discutido. Multiplicamos as reuniões, levantamos milhares de hipóteses e não apostamos em compromissos. Isto acontece tanto na política como noutros âmbitos. Falamos, levantamos hipóteses mas não nos entregamos a causas. Tudo corre bem enquanto se conversa. Quando nos é exigido algo de concreto, fugimos ao assunto, desligamo-nos dos problemas e deixamos que tudo fique na mesma. Misericórdia é acção concreta! É um compromisso permanente com os outros e com as necessidades de que padecem, sejam elas de ordem material ou espiritual.

Calem-se as palavras e os discursos, muitas vezes eivados de promessas, e apareça o testemunho de pessoas inquietas com o bem que deve ser oferecido. Não é muito comum este modo de agir. Ser cristão é esta atitude contra-corrente que incomoda e deseja um mundo mais humano. O que significa isso? Significa um mundo de paz, alimentado pela corrente do amor concreto que dedicamos a todos.

Que estes dois meses que faltam para o encerramento do Ano da Misericórdia signifiquem a aposta num modo diferente de viver: distância de quem só sabe falar, sejam políticos ou cristãos, e não ousa acreditar no valor do compromisso. Basta o pouco de muitos para que possa nascer uma sociedade



mais justa e humana, onde a dor é partilhada e a ausência do indispensável é suprida pela generosidade que elimina desigualdades. A misericórdia é a proposta de um mundo, não apenas possível, mas urgente.

Misericórdia não é pieguice de espíritos débeis. Ela é acção pertinente em todos os lugares e situações. Mas, para o cristão, a acção deve alicerçar-se na contemplação. Acção e contemplação não se opõem. Exigem-se mutuamente. Hoje, mais do que nunca, necessitamos de ser contemplativos na acção, reconhecendo que Deus está presente em todas as coisas. Esta acção contemplativa cuida, por um lado, das inquietações e dos problemas humanos para depois, em oração, os elevar numa conversa com Deus que supera as meras palavras. Necessitamos de aprender a percorrer os caminhos da interioridade. Não terá chegado o tempo de reconhecermos que só o Espírito Santo é capaz de nos oferecer o impulso necessário para percorrermos a vida como uma verdadeira abertura divina? Hoje, embora de modo mascarado, existe uma procura do espiritual. É chegada a hora de entrar no coração da fé por meio de uma atitude contemplativa da vida.

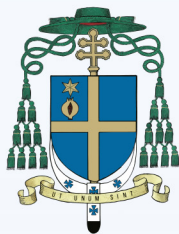
Daí que seja importante acolher o que S. Paulo nos diz na segunda leitura: “Quero que os homens rezem em toda a parte, erguendo para o céu as mãos santas, sem ira nem contenda”. Estou convencido que, no dia em que nos comprometermos com uma acção contemplativa, teremos um mundo sem pessoas a espezinhar os pobres e a enriquecer à custa dos mais pequenos. A contemplação abraça o mundo e recebe de Deus a sabedoria para o transformar. Ser fiel e justo nas coisas pequenas e grandes é possível com um espírito que mergulha em Deus, que é Pai de todos.

É este sentido contemplativo que tentaremos dar à nossa vida pessoal, e das nossas comunidades, neste novo ano que está a iniciar. Queremos que a fé não seja apenas compreendida, celebrada e vivida, mas também contemplada para entrarmos no essencial que a distingue de qualquer crer infundado. Para isso, colocaremos diante de nós a figura de Maria e iniciaremos um Ano Mariano. Pretende-se sublinhar as palavras pronunciadas por Maria, ou escritas no Evangelho a seu propósito, para as contemplar, pessoalmente ou em várias iniciativas que iremos delinear para as paróquias, arceprestados e Arquidiocese.

Os momentos de devoção são importantes quando nos conduzirem à santidade. Não nos devemos contentar com a simples reza do terço ou com a participação em procissões de velas ou peregrinações. Tudo tem o seu valor, mas pretende-se, durante todo o ano, seguir um itinerário simples e muito prático, encontrando tempos para estar a sós com Deus, para redescobrir a importância do silêncio, para saborear a alegria de saber que Deus nos olha e nos ama.

Um ano contemplativo é, em certa medida, um retiro espiritual orientado por Maria que, qual mãe, sabe indicar o que cada filho deve fazer. O *Magnificat* de Maria será também para nós motivo de gozo e de alegria em Deus, sabendo que Ele continua a colocar os seus olhos na nossa humildade, fazendo maravilhas e manifestando o poder do Seu braço.

Este é um novo ano que o Senhor nos concede. Caminharemos com Maria e, como Ela, daremos um contributo positivo para uma Igreja diocesana que se deixa renovar a partir do interior da sua vida, mostrando uma presença na sociedade que a transforma a partir da profundidade dos seus



problemas. Que a Senhora do Alívio nos acompanhe e suscite em cada um a sede de contemplação no quotidiano das nossas vidas e na vida quotidiana das comunidades paroquiais.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*